

Pedreiro é um dos mais assíduos

Às vezes, por um golpe de sorte, a classe operária também vai ao paraíso. O pedreiro João França estava uma bela tarde, nos idos de 1990, levantando uma parede na casa do brigadeiro Hélio Campos em Boa Vista, quando o militar, um importante chefe político do ex-território, perguntou-lhe se podia colocar seu nome como companheiro de chapa. Estava em cima da hora de fechar o prazo de registro e Campos precisava mandar a papelada para o Tribunal Eleitoral. França topou. Campos se elegeu e, poucos meses depois de empossado, morreu. O pedreiro recebeu na bandeja quase oito anos de mandato. Passou a ser conhecido no Congresso como "o homem que ganhou a sena do Senado". Não sobe à tribuna e nem tem um grande trabalho legislativo, mas, a seu favor, diga-se que é um parlamentar assíduo, o que não é pouco numa época em que tantos fazem gazeta.

O senador Gilberto Miranda

(PMDB-AM), empresário bem sucedido da Zona Franca de Manaus, pode ser considerado mais bem sucedido ainda na indústria da suplência. Foi suplente ao mesmo tempo de dois senadores do — Carlos de Carli e Amazonino Mendes. Acabou ganhando de presente seis anos de mandato, quando Amazonino foi eleito prefeito de Manaus. Dario Pereira (PFL-RN), rico fazendeiro e empresário da mineração, nunca disputou uma eleição. Mas pegou uma carona na chapa de José Agripino Maia ganhou quatro anos no Senado quando José Agripino elegeu-se governador.

Pé quente — Outro sortudo é o senador Áureo Mello (PRN-AM). Estava na segunda suplência do senador Fábio Lucena, que, embora tivesse quatro anos de mandato pela frente, resolveu disputar — e conquistou — uma cadeira de oito anos. Áureo tornou-se primeiro suplente. Logo a

fortuna lhe sorriu pela primeira vez. Leopoldo Péres, que havia assumido a vaga de quatro anos, foi nomeado para a Superintendência da Zona Franca de Manaus e Áureo chegou ao Senado. Pouco depois, Lucena suicidou-se e Áureo mudou de cadeira, abocanhando quatro anos a mais. Pode não ter votos, mas tem pé quente.

Muitas vezes os suplentes chegam ao Senado graças a acordos políticos. O cabeça de chapa precisa de votos numa região onde é fraco e acerta os ponteiros com um líder local, com o compromisso de se licenciar alguns meses por ano para que o outro possa ocupar o seu lugar. Mas nem sempre isso dá certo. O ex-deputado Emerino Arruda, suplente do senador Cid Sabóia de Carvalho (PMDB-CE), por exemplo, queixou-se de que o titular nunca honrou o compromisso firmado pelos dois de que ele assumiria periodicamente a cadeira.